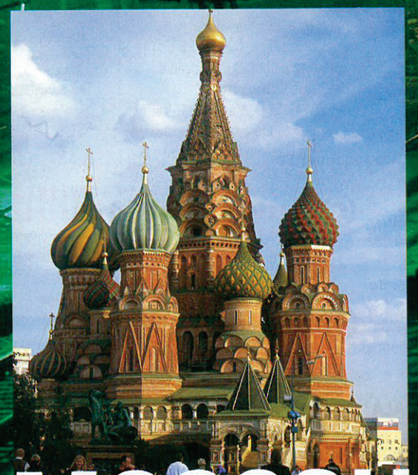


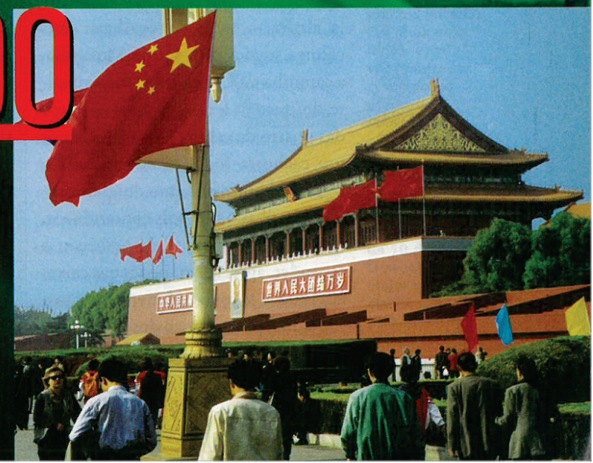
DE MOSCOU A PEQUIM
PELA MAIOR FERROVIA DO MUNDO

A viagem de trem pela Transiberiana dura cinco dias e atravessa mais de 7 000 quilômetros. É uma maratona e tanto, por uma região mais fria do que no freezer. Nosso repórter encarou. E adorou

POR AROLDO VAXEL

FOTOS DE HENRIQUE SKUJIS E DÉCIO GALINA

TRAJETO DE FÔLEGO
Da Catedral de São Basílio, em Moscou, até a Praça da Paz Celestial, em Pequim: o passageiro atravessa nada menos do que cinco fusos horários.



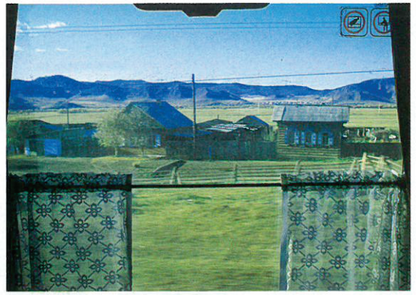
A distância equivale a uma viagem de Porto Alegre a Belém. Ida e volta

Em chinês, o chinês se desculpou. Ele não esperava que a cama na qual o seu cachorro mordiscava um salame estivesse ocupada por um brasileiro. Àquela altura, o trem chacoalhava seus catorze vagões pelo sul da Mongólia, a caminho da China. Mais preocupante do que ver a minha cama — uma das quatro da cabine — usurpada por um cachorro foi a atitude tomada a seguir pelo suspeitíssimo dono do animal. Auxiliado por dois conterrâneos, igualmente suspeitos, ele começou a esconder, apreensivo, pequenas caixas em fundos falsos da cabine, enquanto o cão sumia para debaixo dos cobertores. A tensão chegou ao auge na fronteira com a China. Era a hora de os policiais revistarem o comboio.

Para alívio geral, nada foi encontrado. Tão logo os agentes deram as costas, meus companheiros de cabine trancaram a porta e, freneticamente, pegaram as mercadorias camufladas. Mantive um olho na minha mochila e fiz cara de não-conto-nada-pra-ninguém. Longos minutos se passaram até que o contrabando fosse ensacolado, junto com o cachorro. Uma vez em território chinês, a gangue disparou pelo corredor do trem. E desapareceu.

Sei que, ao relatar essa seqüência de filme de ação, posso afastar candidatos a uma viagem pela Transiberiana. É compreensível. Mas garanto que não fiquei arrependido de encarar a maior ferrovia do mundo, nem mesmo depois da blitz na fronteira. Tudo na Transiberiana, inaugurada em 1904, tem grandes proporções. Começando pelas surpresas.

O trem atravessa não apenas três países (Rússia, Mongólia e China) e cinco fusos horários. Também transpõe 7 864 quilômetros de trilhos — o equivalente a uma viagem de ida e volta de Porto Alegre a Belém. Tudo isso ao longo de uma região que, durante décadas, esteve proibida para os olhos ocidentais. A viagem começa em Moscou, na Rússia, para terminar somente cinco dias depois em Pequim, na China. Também são impressionantes o número de passageiros — mais de 500 — e o frio fora do comboio, onde, não raro, o ponteiro do termômetro despenca para 50 graus negativos. Muito mais gelado do que dentro do *freezer* da sua cozinha.



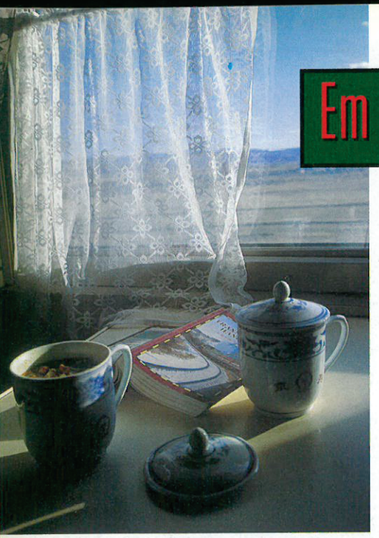
Banho de gato

Não se preocupe. As cabines são dotadas de um eficiente sistema de aquecimento que, aliás, não é o único conforto a bordo. No meu caso, fiquei em um quarto para quatro — sem incluir o cachorro —, em um vagão com um único banheiro. Mas há acomodações confortáveis na primeira classe, onde as cabines acolhem só dois viajantes e contam com toalete próprio. Confesso que, se refizesse a viagem, escolheria aposentos melhores. Tudo bem, o banheiro coletivo não assusta — uma das funções do camareiro do vagão é mantê-lo sempre limpo —, mas nem por isso é um primor. Outro desconforto surgia na hora do banho. Fui obrigado a investigar em que vagão o toalete dispunha de uma mangueira acoplada à torneira quente. Só assim deu para tomar alguns banhos — de gato. Nada tão incômodo quanto dividir a cabine com três contrabandistas e um cão desconhecido.

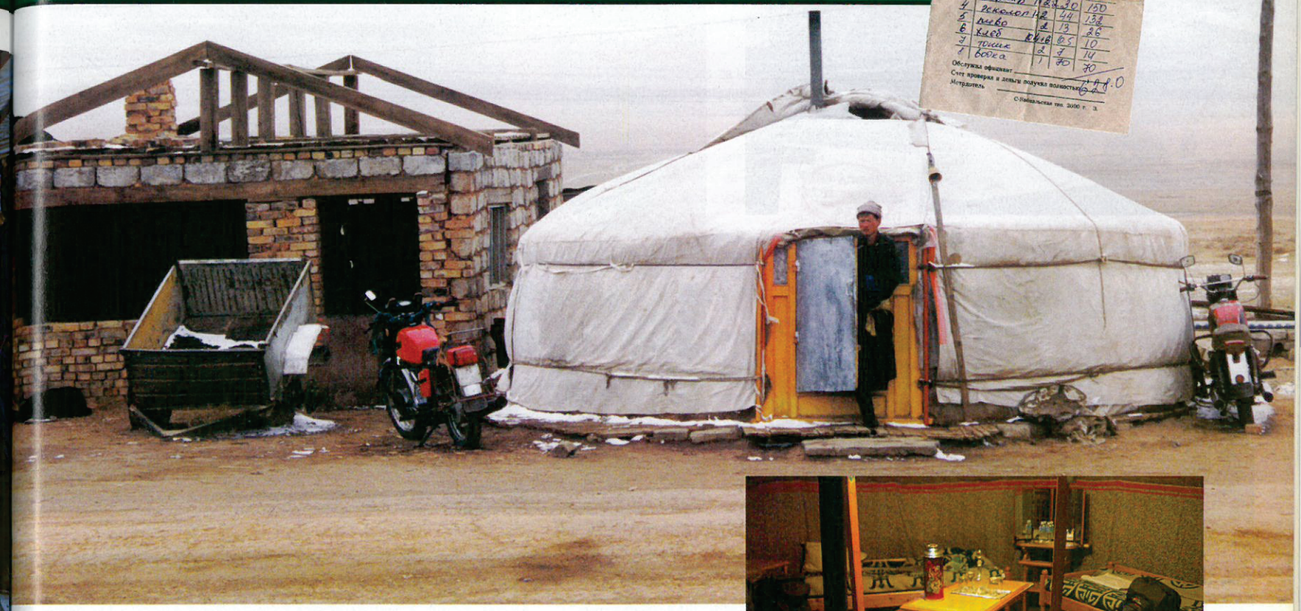
O convívio com os demais passageiros resultou mais descontraído. À primeira vista fechados, os russos em geral querem mais é se divertir e conhecer os raros ocidentais que se aventuram nesse pedaço gelado do planeta. Animados, com tanta vodca na corrente sanguínea quanto o Ieltsin, eles preparam refeições com os produtos comprados nas poucas paradas do comboio. Nessas estações, senhoras vendem peixe defumado, salsicha, salame, pão e bebidas de difícil reconhecimento. Poucos produtos custam ▶

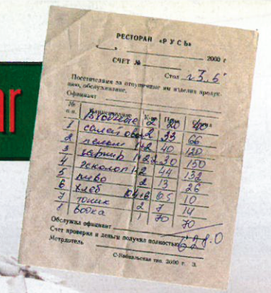
AS PARADAS DO CAMINHO

A locomotiva russa atravessa o território do seu país fazendo poucas paradas. Em cada uma delas, você verá muitas vendedoras oferecendo alimentos a preços mínimos. Comer no próprio trem também sai barato: uma refeição não custa mais de 10 dólares. O problema de viajar na segunda classe são os banheiros coletivos, ainda que limpos.



Em cada estação do caminho, vendedoras oferecem pão, bebidas e frios. Nada custa mais de 1 dólar





ISTO É A MONGÓLIA
Os mongóis já comandaram o maior império do planeta. Hoje, se o país deles tem influência modesta, sobraram tradições, como os camelos da neve ou a *ger*, a moradia circular e coberta de lona, típica dos povos nômades.

mais de 1 dólar. No contato com as vendedoras, percebi o quanto é importante levar um dicionário inglês-russo com frases escritas em cirílico, o alfabeto local. Mas você não precisa comprar nada fora do trem. As refeições no vagão-restaurante são baratas. Uma sopa de entrada, o prato principal e uma bebida saem por menos de 10 dólares.

Mesmo sem comprar nada, vale a pena descer e encarar o frio de cada estação. Pelo menos para esticar as pernas durante uns dez minutos e retornar ao trem. Também é viável — e até aconselhável — passar uma temporada em algumas das trinta cidades do caminho. Optei por ficar uns dias em Ekaterinburg, na divisa da Europa com a Ásia. Foi ali que os comunistas, em 1918, recém-chegados ao poder, deram cabo do último *czar*, Nicolau II, junto com toda a família. Também não hesitei em gastar uma semana no Lago Baikal, o mais profundo do mundo. Por fim, me aventurei outros tantos dias pelas estepes da Mongólia, antes de desembarcar em Pequim. Para segmentar a jornada, registre-se, é necessário um tíquete para cada trecho, mas as reservas podem ser feitas ainda no Brasil.

Foca de água doce

Se você não tem tempo para tantas escalas, não esquente. Olhar a gélida paisagem pela janela já é um programão. Na Rússia, você verá florestas de taigas — árvore semelhante ao pinheiro, só que amarelada —, cercando minúsculos vilarejos com casas de madeira. Esses povoados, onde é raro ver alguém na rua, se alternam com cidades poluídas, com mais de 1 milhão de habitantes. Muitas, como Perm (que acolhia fábricas militares) e Krasnoyarsk (que abrigou indústrias nucleares), se mantiveram fechadas para estrangeiros durante as sete décadas de regime comunista. Comprovando que os tempos são outros, um piloto de caça ucraniano muito camarada — no sentido brasileiro do termo — me presenteou com uma foto dele em pleno vôo.

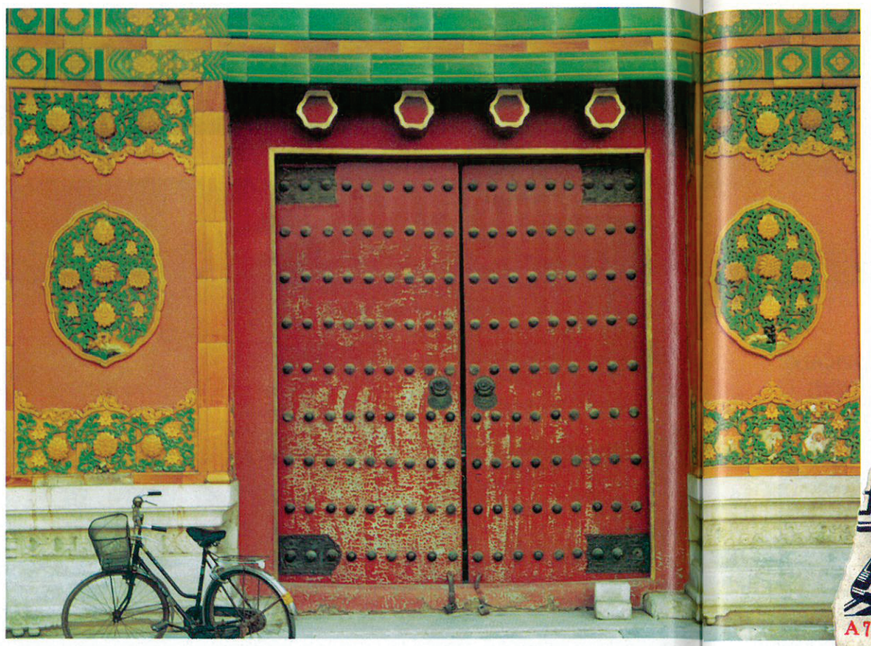
Apesar da radical transformação pela qual o país passou nos anos 90, não consegui cruzar a Sibéria sem recordar que aquela região foi o inferno no gelo para criminosos, prisioneiros de guerra e inimigos políticos do *czar* (ainda no século 19) e dos comunistas (já no século 20). A lembrança dos campos de trabalho forçado despontou mais nítida quando deparei, no vagão-restaurante, com um prisioneiro algemado a um policial. Na estação seguinte, o sujeito foi transferido para outro trem, repleto de detentos. Ninguém se importou muito com o ocorrido, mas os policiais se importaram comigo, quando tentei fotografar o vagão-cadeia. Fui agarrado por um guarda na plataforma. A sorte é que, com um movimento brusco e instintivo, consegui me soltar e voltar correndo para o trem.

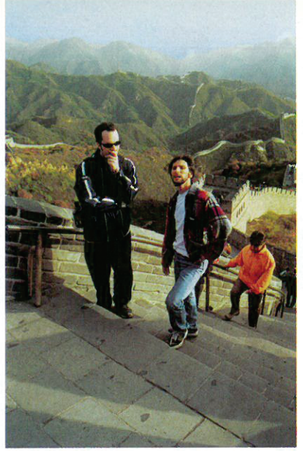
Depois de três dias de trilhos, a Rússia se despediu com uma atração digna do Balé Bolshoi: o abissal Lago Baikal, com mais de 1,5 quilômetro de profundidade. O Baikal — que no inverno se transforma no maior rinque de patinação do mundo — é responsável por 20% de toda água doce do planeta. Seria capaz de suprir as necessidades da população terrestre durante quarenta anos. O elenco das riquíssimas fauna e flora apresenta 1 600 espécies só encontradas no Baikal, entre elas, a foca de água doce. Se você descer por aqui, poderá fazer *trekking* de 10 quilômetros, que levam a restos de um *gulag* (campo de trabalho forçado) ou ao Lago Frolika, que não perde para os cartões-postais da Suíça e do Canadá.

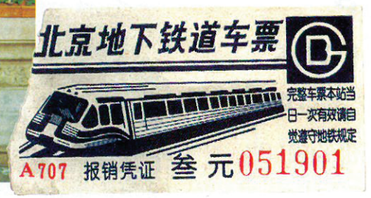
Se a aventura pelos trilhos da Transiberiana acabasse nesse ponto, eu já voltaria ao Brasil com as expectativas superadas. Mas havia mais. Ao ver pela janela a cerca de arame farpado que indica o fim do território russo, entrei em um país que não aparece no noticiário, mas que há 800 anos poderia estampar a manchete: "O maior império de todos os tempos". Ninguém até hoje teve nas mãos a extensão territorial que a Mongólia amealhou. Sob o comando do primeiro Genghis Khan e de seus sucessores, eles dominaram desde a Coréia até a Hungria. A realidade atual, no entanto, é bem diferente. Nos últimos três séculos, o país esteve sob o jugo da China ou da Rússia, vizinhos gigantes e amedrontadores.

DORMINDO COMO UM MONGOL
Pelo caminho, o viajante pode se hospedar em *gers* especialmente criadas para o turismo. O pernoite custa cerca de 35 dólares.

Os efeitos desse último capítulo da história da Mongólia aparecem logo após a fronteira. Vilas que serviam de base militar para os soviéticos até fim dos anos 80 foram abandonadas do dia para ▶







Depois das estepes desabitadas, o trem chega ao país mais populoso do mundo

NEGÓCIO DA CHINA
No território chinês, a locomotiva é outra. Tudo muda, aliás. De repente, as longas planícies cultivadas são substituídas por cidades apinhadas de gente. E os 575 dólares da passagem de trem passam a ser um preço pequeno, verdadeiro negócio da China, diante da emoção de contemplar a Grande Muralha.

a noite. Viraram cidades fantasmas. Durante o domínio comunista, dos 700 templos budistas, só trinta sobraram. Ao visitar o monastério Gandam, na capital Ulan Bator, me emocionei com os cultos e tive uma certeza: o budismo está renascendo por aqui.

Enquanto o trem cruza a Mongólia, a paisagem vai mudando de novo. É a vez das estepes desabitadas. Quem domina agora são os animais. Camelos, bois, cavalos, carneiros e cabras estão por toda parte. São mais de 30 milhões de bichos contra 2 milhões de seres humanos. Da população de mongóis, metade vive em cabanas redondas de lona, as *gers*. Essa moradia, utilizada há séculos pelos nômades, pode ser conhecida em uma rápida viagem pelo interior do país. Dá para dormir em *gers* turísticos (35 dólares) ou em um *ger* legítimo, habitado por uma família andante. Nesse último caso, a estadia pode ser de graça. Depende de você.

Enfim, a Muralha

No sul do país, o trem inicia sua jornada pelo Deserto de Gobi. Os animais já não são tantos, mas a visão de camelos passeando na neve surpreende. Claro: todo mundo associa camelo a temperaturas tórridas. Menos os mongóis. E então cheguei à divisa com a China, onde, estupefato, vivenciei as cenas edificantes descritas nos dois primeiros parágrafos deste texto. Também surpreso, vi o trem se dirigir a um galpão. Nenhum ocidental entendeu a manobra. Por quase duas horas, aconteceu uma operação *sui generis*. Como os trilhos chineses são mais estreitos que os trilhos mongóis, um macaco hidráulico levantou vagão por vagão para que, manualmente, todas as rodas fossem trocadas. Se o viajante descer do trem assim que ele estacionar no galpão, poderá acompanhar, do chão, o vagão flutuando sobre os trilhos com os turistas menos avisados debruçados nas janelas.

No último trecho da viagem, o país mais populoso do mundo, a China, revela vastas planícies de terra cultivada. De tempos em tempos, o verde sai de cena para a entrada do cinza das cidades. Nelas, o que chama mesmo a atenção é a multidão. Com uma população de 1,3 bilhão — quase dez vezes maior que a brasileira — , os chineses não têm como se esconder. Você os vê por todos os cantos, às centenas, conversando, pedalando, caminhando com a bandeira nacional nas mãos ou simplesmente parados como bonecos de presépio, aguardando a abertura do farol de pedestre.

A poucas horas do destino final, é visível a ansiedade dos passageiros ocidentais. Algumas cabines estouram champanhe para celebrar. Arregalei os olhos diante de um paredão de pedras, com 3000 quilômetros de extensão. A imagem da Grande Muralha da China serpenteando pelas montanhas torna os viajantes calados, como monges, contemplando a derradeira surpresa do percurso. É estranho, mas quando o trem pára na imponente estação ferroviária de Pequim, a sensação não é de alívio. Cinco dias depois de entrar na Transiberiana, tive a impressão de que tudo acabou de repente.

Uma longa jornada

Não há trajeto ferroviário mais longo no planeta. O trem parte da Europa, com destino final no leste da Ásia. No total, são 7 864 quilômetros de trilhos

GUIA PRÁTICO

COMO CHEGAR
Há vôos para Moscou, da KLM e da Swissair, com passagens a US$ 1299. Até 27 de abril, o preço é promocional: US$ 1 050 (à vista). O caminho mais barato para voltar de Pequim para Moscou é voar pela Aeroflot (US$ 500).

CÂMBIO
Rússia: US$ 1 vale 27 rublos. Você não encontrará dificuldades para trocar a moeda americana.
Mongólia: US$ 1 vale 1 000 togrogs. Leve notas pequenas para facilitar a troca, que deve ser feita na capital Ulan Bator.
China: US$ 1 equivale a 8 yuans. Não é difícil trocar dinheiro nos hotéis.

DOCUMENTOS
Os vistos para a Rússia e China podem ser tirados no Brasil. Custam US$ 65 e US$ 60, respectivamente. O visto mongol sai por US$ 50 e pode ser tirado em Moscou. Leve três fotos 3x4. Consulado da Rússia: ☎ (11) 3064-1591; Consulado da China: ☎ (11) 3063-0223; Consulado da Mongólia em Moscou: ☎ (007095) 241-1049.

TREM
As passagens custam US$ 575 na primeira classe e US$ 388 na segunda classe.

PACOTE
A Viagens Tchayka (☎ 011-256-4251, www.tchayka.com.br) organiza o roteiro pela Transiberiana. Junto com o cliente, a agência escolhe as paradas e a categoria dos hotéis e compra tudo daqui. Até as estadas nos gers podem ser reservadas.

MELHOR ÉPOCA
A temporada ideal vai de maio a setembro. De outubro a abril a temperatura pode chegar a 50 graus negativos.

INTERNET
www.transsib.ru/eng/index.htm

AVISOS AO VIAJANTE
- Para se distrair no trem, leve livros, palavras-cruzadas, dominó e *walk-man*.
- Evite problemas estomacais, tendo sempre uma garrafa de água mineral.
- Não se esqueça de levar papel higiênico.
- As paradas nas estações são rápidas. Demoram de 2 a 15 minutos. Cuidado para não ficar de fora.
- Para sua segurança, use as duas travas internas da cabine.
- Não carregue nada para ninguém. Cuidado!